

Em Lo Schiavo, o compositor necessitou mudar o argumento para que o herói em vez de negro fosse índio

Carlos Gomes, ópera e racismo

ERNANI SILVA BRUNO

A recente reapresentação, em São Paulo, de "Lo Schiavo", a ópera para a qual Carlos Gomes solicitara um argumento ao Visconde de Taunay, que depois foi modificado para que ao invés de negros aparecessem índios no palco e a heroína (que deveria ser mulata) se metamorfoseasse em bugra, põe em foco a figura de Carlos Gomes e a quase impossibilidade, em sua época, de se desafiar o dogma da discriminação racial.

De outra forma não se entenderia que uma ópera intitulada "O Escravo", composta por um brasileiro e dedicada à Princesa Isabel, no apogeu do movimento abolicionista em nosso País, tivesse seu entrecho alterado para que se focalizasse — como vítima do cativo — o índio do século 17...

E que os frequentadores do teatro lírico — magnatas do açúcar e do café, grandes comerciantes, prósperos banqueiros, políticos bem instalados na vida, senhoras cintilando de jóias raras, poderiam não se sentir muito à vontade, vendo no palco personagens de nobres sentimentos, cujas figuras poderiam lhes lembrar suas mucamas, seus moleques de recado, seus trabalhadores do eito, seus pretos velhos definhando nas tristes senzalas. E sentir, na própria carne, que toda essa espécie de infra-estrutura humana, mergulhada em sofrimento e lágrimas, funcionava em benefício da riqueza e do bem-estar de uma minoria privilegiada e cheia de sobrenomes.

O assunto, ainda que por via indireta, sugere algumas considerações sobre a própria obra musical do maestro campineiro e particularmente em torno de um polêmico e velho tema: haveria algo de especificamente brasileiro em suas partituras líricas, que obtiveram sucesso internacional? Luis Heitor, autor de "150 Anos de Música no Brasil", pensa que sim, escrevendo estas palavras sobre a ópera "Joana de Flandres": "Há reflexos da musicalidade brasileira esparsa na espantosa floração de modinhas da época, em muitas páginas da partitura que o compositor escreveu para o sombrio dramalhão imaginado por Salvador de Mendonça". Algo mais concreto, portanto, do que aquilo com que alguns críticos procuravam se auto-sugestionar e suggestionar os outros, descobrindo o Brasil nos temas musicais de "O Guarani", através do som misterioso das matas, do rumor do vento e do canto das aves, como se o Brasil possuísse, com exclusividade, florestas, vendavais e passarinhos.

Mas a propósito do ponto de vista de alguns críticos, de que Carlos Gomes não tem nada de musicalmente brasileiro, parece que a opinião definitiva é a de Mário de Andrade, observando que, mesmo que assim o fosse, o campineiro conservaria o posto de verdadeiro iniciador da música brasileira, porque, em sua época, a obra popular (base essencial das músicas nacionais) ainda não produzira, entre nós, a "cantiga racial".

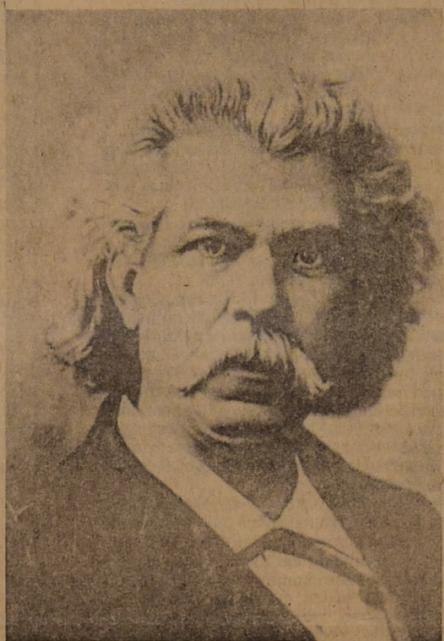
E o Carlos Gomes compositor de música popular? Seus biógrafos e os estudiosos de sua obra referem-se ao fato de que, em sua mocidade, ele compôs valsas, quadrilhas e modinhas, gêneros musicais em voga no seu tempo. Não há quem não tenha ouvido "Quem sabe?", mais conhecida pelo primeiro verso de sua letra, "tão longe, de mim distante...". E os anúncios de partituras desses gêneros, de autoria do futuro autor de "O Guarani", são frequentes na imprensa paulista de meados do século passado. Um desses anúncios cita a brilhante valsa "A rainha das flores" e o "romance sentimental Bela nina de minh'alma".

Mas parece que houve um filão musical explorado também pelo compositor campineiro que não foi descoberto pelos seus biógrafos e estudiosos de sua música. A descoberta coube a Carlos Penteado de Rezende, que em seu livro "Tradições Musicais da Faculdade de Direito de São Paulo", reproduziu um anúncio do "Correio Paulistano", de 1857, mencionando, entre as partituras de Carlos Gomes à venda, "A Cayumba", "dança de negros, música original e de um gosto todo novo". Descoberta a propósito da qual Bruno Kiefer, em sua "História da Música Brasileira", observou: "Esta descoberta deverá ser levada em conta quando se traçar a história do sentimento nativo na música brasileira erudita, cujo início costuma ser situado no aparecimento de "A Sertaneja", de Brasília Itiberê (1869)".

A referência a "dança de negros" já daria a certeza de que o grande compositor brasileiro de



O Teatro Lírico, do Rio de Janeiro, onde estreou a ópera "Lo Schiavo", em 1889.



Carlos Gomes foi influenciado pelo ritmo negro.



MUSICAS
DE
Antonio Carlos Gomes.

A RAINHA DAS FLORES, brilhante valsa com introdução, trio etc., para piano **1\$500**

A CAYUMBA, dança dos negros, música original, e de um gosto todo novo, para piano. **1\$000**

BELLA nimpha de minha alma, romance sentimental, poesia de Antonio Alexandrino. **1\$000**

Vende-se nesta Typographia, pelos modicos preços acima.

Anúncio de partituras de Carlos Gomes em 1857.

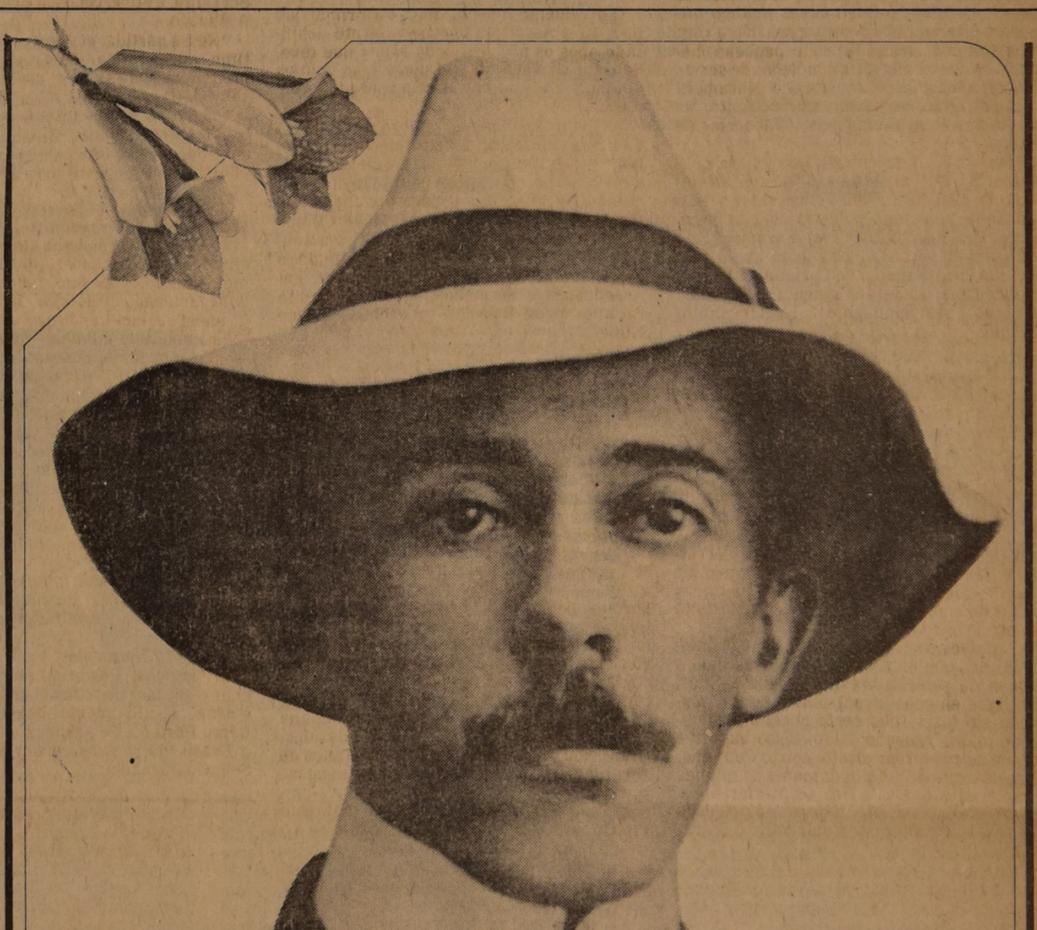


O embaixador, uma figura da congada paulista.

óperas incursionou por um campo de inspiração que tem sido omitido ou desprezado por aqueles que trataram de sua vida e de sua obra. O significado da palavra "cayumba" poderia esclarecer um pouco mais as coisas, a menos que se trate apenas de um sonoro vocábulo de sabor africano, inventado pelo autor. Não o mencionam os vocabulários afro-brasileiros, nem os dicionários de folclore.

Mas a chave do problema está, há mais de setenta anos, em um excelente e quase desconhecido livro de autoria de Rafael Duarte, editado em 1905, espécie de memória romanceada em torno de coisas campineiras do século passado, "Campinas de Outrora — Coisas do meu tempo". Escreve esse memorialista, em um dos capítulos de sua narrativa: "Congada era o nome genérico da função; cayumba era propriamente o nome da dança". Rafael Duarte contava que a primeira congada de que se tinha notícia, em Campinas, havia sido realizada no ano de 1837, com a participação de negros, quase todos escravos de origem africana, do Congo, de Benguela, de Moçambique e de outras regiões da África. "Uns tocavam marimba, outros urucungo e outros ainda um curioso instrumento, o ganzá, muito esquisito, composto de um taquaruçu rachado ao meio e todo dentado e de um sarrafo estreito, de madeira com o qual esfregavam o taquaruçu, ao comprido, produzindo um ruído semelhante ao de carretilhas usadas nos guindastes."

E extremamente curioso e significativo saber que Carlos Gomes — que não se atreveu, em fins do século passado a focalizar, em uma ópera que estrearia no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, o drama da escravidão negra — tenha se sensibilizado, em sua mocidade, com a rude dança que os congos praticavam ao som do ganzá, da marimba e do urucungo. E se seus biógrafos, ao se referirem à sua atividade musical anterior às óperas, costumam citar suas valsas e modinhas — músicas populares, mas de brancos, com "status" — podem agora completar suas contribuições com mais esta pequena pista. E tentar a possível descoberta, nos guardados antigos de famílias paulistas e campineiras, de outras partituras esquecidas, que possam constituir novas revelações sobre a produção musical do autor de "Lo Schiavo".



A homenagem de um povo hermano ao brasileiro que encurtou os caminhos do mundo: Santos Dumont.

Santos Dumont, um brasileiro. Um homem que concretizou o sonho de todos os homens: voar. A melhor homenagem que a Ladecco poderia prestar a esse homem é a sua própria existência e o carinho com que une, voando, dois povos hermanos.



LADECCO
LINEA AÉREA DEL COBRE S.A.
Av. São Luis, 170 - Fones 257 8844 - São Paulo
A linha aérea que mais conhece o Chile - Consulte seu agente de viagem.